

# ENTREVISTA LITERÁRIA



## Manoel de Barros: o poeta que responde com poesia.

*Ele accitou ser entrevistado pelo Jornal da USP com a condição de dar as respostas na mesma linguagem de seus poemas. E o resultado foi uma viagem ao coração de sua arte.*

*Sérgio Luiz R. Medeiros, especial para o JU*

**JU** — Oswald de Andrade declarou num poema: "Aprendi com meu filho de dez anos/Que a poesia é a descoberta/Das coisas que eu nunca vi". No seu caso, a poesia também se alimenta da experiência da infância. Seu filho, quando tinha cinco anos, ilustrou o livro "Compêndio para uso dos Pássaros" e foi também um guia nos meandros da fala infantil. O que você aprendeu com ele?  
Manoel de Barros — Esse pequeno grande poema de Oswald de Andrade é um Catecismo de Poesia. Precisamos de aprender ignorâncias, nesse sentido de ver as coisas pela primeira vez: com o mesmo assombro das crianças e dos primitivos. Quando meu filho, o João, tinha 5 anos, ele falava nascimentos. Nenhuma norma atrapalhava sua fala. Fiz até um pensamento: O que estraga a linguagem poética não é a ignorância; mas o gramático. E comeci a perseguir as aventuras do João. Ele amoldava sua voz às intimidades do coxo e dizia nascimentos loucos. A esse tempo eu lera as Anotações Estéticas de Paul Klee, nas quais ele contava das alegrias que teve quando conseguiu readquirir os traços da inocência. Por essas coisas, pelo Catecismo do poeta Oswald de Andrade, e pelas falas do João, me animei a compor uns poemas de sintaxes tortas à moda dos meninos. Ao fim, e publicado o Compêndio para uso dos Pássaros, me encabulou certo anedótico. Eu conto. É que a muitos aquele Compêndio para uso dos Pássaros soava como um tratado para criadores de aves. Até recebi alguns telefonemas me perguntan-

das da Tijuca, que não aceitava al-piste. Que deveria fazer? Eu respondi, meu Deus, meu livro só queria ser de poesia, eu não entendo de alpiste. O moço me chamou de incompetente. Isso eu era.  
**JU** — Na sua poesia, você menciona, com freqüência, nomes de pintores, como Picasso, Braque, Klee e Miró, chegando mesmo a destrever os quadros que mais admira. O que a sua poesia deve à pintura?  
Manoel de Barros — Um tempo antes de conhecer Picasso, eu tinha visto na aldeia boliviana de Chiquitos, perto de Corumbá, uma pintura meio primitiva de Rômulo Quiroga. Esse Rômulo era um homem obscuro. (O artista iluminado é quase sempre um homem obscuro.) Pois esse Rômulo era isso. Ele mesmo inventava as suas tintas. Trazia dos matos caldos de lagartas (era seu verde), seiva de casca de angico (era seu vermelho), polpa de jatobá maduro (era seu amarelo). Não sei nem como ele dava liga nos seus pigmentos. Talvez usasse pocas de piranhas, derretidas. Pintava sobre sacos de anilagem. Um dia me mostrou um ancão de cara verde, que acabara de pintar. Eu lhe disse "mas, Rômulo, o verde não é a cor da esperança, da juventude?" Respondeu que para ele era a cor da melancolia. Que os anções têm saudades dos verdes anos. E acrescentou: a minha cor é psíquica e as minhas formas são incorporantes: eu sempre estou nelas com os meus antepassados. Estaria ele falando sobre uma possível imaginação arcaica? Depois de ver as formas bisônicas na África, Picasso rompeu com as cores fugidas, com

que é essa promiscuidade, que você associa ao fazer poético?

Manoel de Barros — No começo era tudo misturado. Homem planta bicho — tudo falava. Narciso virou de anêmona. Urubu ficou gente — tem mãos. Não havia distinção. (Promíscuo, pelo étimo, é indistinto.) Quando o latim era do povo,

meu de ver-  
puxes desenvolvendo inocências. Cresceram junquinhos sobre meus verbos. Eu estava promíscuo das coisas. Agora precisava de uma sintaxe que alcançasse as abrangências do promíscuo. As falas incorporantes do bugre e das crianças faziam essa abrangência. Penso que seja por isso que o bugre pôde empre-  
nhar uma árvore. Penso que seja por isso que o menino pôde falar:

Eu vi um passarinho avoat fora da asa. Penso que foi por isso que o poeta pôde escrever: Meu Deus, o branco me corrompe!

JU — Você incorporou aos seus poemas fragmentos de mitos indígenas. Como é esse seu diálogo com a mitologia?

Manoel de Barros — Essa pergunta quase que se contém na outra de número três. É assim. A palavra do poeta erudito vem eivada de seus

ocaso.  
JU — No seu livro mais recente — "Concerto a Céu Aberto para Solos de Ave" — você toca num assunto que está ausente em seus livros anteriores: a morte. No poema mais longo dessa antologia você descreve a lenta agonia de um velho, cujos últimos momentos se passam no topo de uma árvore gigantesca, que irrompeu pelo assoa-  
lho da casa. O que é morrer para

cessar. Reclamou da velhez pro-  
neta. Minha velhez não tem em-  
brão. As partes caem. Meus cabe-  
los caem. Meus dentes caem. Cai o  
meu pau e não cumpre mais as suas  
funções de entrar. Por fim a boca  
dobra-se. O aparelho de falar não  
emite. E o de escutar não capta.  
Meus vazios não terão mais socor-  
ro. Perpétuas vão nascer sobre  
meus ossos. Ah, o meu morrer há  
de ficar perto de minha boca!

# O verbo promíscuo do bugre de Campo Grande

Foi na infân-  
cia que ele co-  
meçou a obser-  
var o movimen-  
to moroso de  
lesmas e cara-  
mujos, animais  
que lhe ensina-  
ram a paciên-  
cia. Assim, nun-  
ca o angustiou o  
anonimato e  
soube esperar  
meio século pa-  
ra ver finalmen-  
te a sua obra  
reconhecida pe-  
la crítica. Hoje,  
aos 76 anos de  
idade, Manoel  
de Barros gaba-



As esculturas  
de Conceição  
Freitas da  
Silva remetem ao  
mesmo universo  
mítico do poeta.  
E fazem a madeira  
se converter  
em rudes bugres  
pantaneiros.

ladeiras e pra-  
ças de Corumbá  
(MS), cidade  
onde Manoel de  
Barros cresceu  
e passou parte  
da juventude.  
Ele se transferi-  
ria depois para  
o Rio de Janel-  
ro, onde se for-  
mou em Direito  
e exerceu o jor-  
nalismo, mas  
acabou retor-  
nando para o  
seu Estado na-  
tural estabelecen-  
do-se em Cam-  
po Grande. Sen-  
tiu necessidade

"Esse é Bernardo. Bernardo da  
Mata. Apresento.  
Ele faz encurtamento de águas.  
Apanha um pouco de rio com as  
mãos e espreme nos vidros  
Até que as águas se ajoelhem  
Do tamanho de uma lagarta nos  
vidros.  
No falar com as águas rás o  
exercitam.  
Tentou encolher o horizonte  
No olho de um inseto — e ob-  
teve!  
Prende o silêncio com fivela.  
Até os caranguejos querem ele  
para chão.  
Viu as formigas carregando na  
estrada 2 pernas de ocaso  
para dentro de um oco... E dei-  
xou.  
Essas formigas pensavam em  
seu olho.

É homem percorrido de existên-  
cias.  
Estão favoráveis a ele os cama-  
leões.  
Espreado na tarde —  
Como a foz de um rio — Ber-  
nardo se inventa...  
Lugarejos cobertos de limo o  
imitam.  
Passarinhos aveludam seus can-  
tos quando o vêem."

terreiro:  
"No chão, entre raízes de inse-  
to, esma e cisca  
o sabiá.  
É um sabiá de terreiro.  
Até junto de casa, nos podres  
dos baldrames,  
vem apanhar grilos gordos.  
No remexer do cisco adquire  
experiência de  
restolho.  
Tem uma dimensão além de  
pássaro, ele!  
Talvez um desvio de poeta na  
voz.  
Influi na doçura de seu canto o  
gosto que pratica



Os  
bugres viram  
totens e  
revelam a  
força das  
origens.

de ser uma  
pequena coisa  
infinita do chão.  
Mas, tendas  
do insignifican-  
te ele procura  
grãos de sol.  
A essa vida  
em larvas que  
lateja debaixo  
das árvores, o  
sabiá se entrega.  
Aqui desa-  
brocham cora-  
las de jias!  
Aqui apo-  
drecem os vãos

E tem espessura de amor."  
A voz promíscua do sabiá de  
vão "apodrecido" remete ao Ver-  
bo, à fala primordial e mítica. O  
bugre perambula pelas extensões  
infinitas do Pantanal, maltrapilho  
e faminto, porém a certa altura lo-  
gra entrever o princípio da criação  
côsmica. Conforme se lê na narra-  
tiva em prosa poética "Carreta  
Pantaneira", a toda do tempo del-  
xou de girar, os bois partiram e  
carro desfez-se em pó: "As coisas  
que acontecem aqui, acontecem  
paradas. Acontecem porque as  
foram movidas. Ou então, mel-  
dizendo: desacontecem".  
Um  
retorno ao caos indiferenciado  
é a fonte de tudo o que existe.  
Uma visão da "Vozes"  
co" foi estudada pela pro-  
fessora Aurora Forn  
nardini, que compara M  
Barros ao poeta russo  
Khlebnikov. Mas as difere-  
re os dois poetas são tão  
vas quanto as similaridades:  
aproximam: "Khlebnikov  
junta fragmentos de si próp-  
pilhados pelo universo".  
Aurora Bernardini, "mas a  
de a que aspiram é dada não  
sentido da História. Não se

se de ser um dos poetas mais lidos  
do Brasil: os 3.000 exemplares da  
sua "Gramática Expositiva do  
Chão (Poesia Quase Toda)", publi-  
cada pela Civilização Brasileira no  
final de 1990, estão esgotados.  
Uma nova edição em breve estará  
nas livrarias.

Disputado pelas editoras e as-  
sediado pelos jornalistas, que lhe  
cobram entrevistas e declarações,  
Manoel de Barros admite ainda

de retomar o diálogo com o rude  
bugre pantaneiro.

Não se pode afirmar com certe-  
za se o bugre é rascunho de homem  
ou de pássaro, ou ambas as coisas  
ao mesmo tempo. Sabe-se que é o  
resultado do cruzamento do ser  
humano com certas espécies de  
plantas e animais, numa luxuriosa  
cadeia de degenerescência que a  
poesia de Manoel de Barros regis-  
tra em detalhes. Esse personagem  
o bugre — é um mito poderoso

Fide a linguagem mais sandice e quanto  
da cultura e da propiedade.

# CONVERSA COM O POETA QUE NÃO DEGENEROU EM ADULTO

Entrevista a Douglas Diegues

**teyu'á** - O que é poesia para você?  
**Manoel de Barros** - Passarinho que  
voa fora da asa é poesia. Girassol  
que de noite se adorna de águas,  
também. Só desse jeito que ousa di-  
zer o que seja poesia.

**teyu'á** - Por que você escreve?  
**M. de B.** - Acho que a gente escreve  
para se descobrir. Todo invento meu  
é uma aproximação de mim. Noções  
maiores verdades são inventadas -  
alguém já disse. Escrevo para chegar  
mais perto da minha fonte, das mi-  
nhas antecedenças.

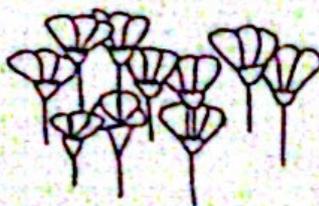
**teyu'á** - Como se dá a relação  
Experiência-Poesia em teu tra-  
balho? Como o visto e ouvido  
tornam-se o dito?

**M. de B.** - Às vezes tenho vontade  
de confessar que a minha experiên-  
cia de vida é muito parca. Não sei o  
que se passou comigo desde ontem.  
São as palavras que me inventam. O  
que eu vi, o que li, os lugares por  
onde passei, as aldeias em que  
morei, os mosteiros e lupanares que  
frequentei (em Oropa, França e Bahia) - foi tudo pro fundo de um  
poço escuro que eu sou. Estou  
narcisado no fundo do poço escuro.  
As palavras que chegam ao verso  
estão visguentas de mim. Às vezes  
penso que sei por um lado vesgo do  
olho e por ouvido moco. Carrego  
tortidões de ver e tortidões de ouvir.  
Tem hora o corpo fônico de uma  
palavra provoca em mim correspon-  
dências remotas. Repetições cons-  
tantes de letras fricativas ou dentais,  
zoantes ou guturais me toldam. Ao  
ponto de eu enxergar em alguma  
vileza: a pura inocência. Pra mim  
tudo isso é sempre muito instintivo.

**teyu'á** - Muitos escritores - o W.  
Faulkner era um deles - parece que  
só escreviam de porre. E você, Ma-  
noel, escreve bêbado ou escreve são?  
**M. de B.** - Literatura porrista me  
lembra literatura de inspiração, coisa  
que me parece um rio urinário. O  
porre me deixa burro e com inclina-  
ções ao preciosismo. De porre me  
acho brilhante. E isso é perigoso. De  
repente a torrente que jorra são  
sandices.

**teyu'á** - Você tem alguma teoria de  
lagartixas?

**M. de B.** - Sou convencido que as  
lagartixas de parede, quase sempre  
translúcidas e tensas, só apareceram  
no mundo depois que o homem saiu  
do relento e fez sua primeira casa.  
Então chegaram as lagartixas para  
ocupar as paredes. E se tornaram  
súbitas e tensas pelo entrar e sair das  
pessoas na casa. Depois se foram  
tornando translúcidas, por defesa,  
afim que apareçam menos à luz. La-  
gartixas de grotas, que são escuras  
na casca, aparecem mais. As que  
moram debaixo de táboas são mór-  
bidas por grilos e mosquitos. E as de  
monturo detestam realza. Entre-  
tanto, entre tantas!, sei de uma (em  
guarani *teyu'á*) que alarga os espí-  
ritos.



Grilo é um ser imprestável para o silêncio.

**teyu'á** - E no Pantanal, tem sapo  
boreal?

**M. de B.** - Só no empalidecer da au-  
rorra que sapo assume o boreal. Ele  
tem um descante amarelo antes do  
sol aparecer. Jamais ninguém vai  
conseguir saber os destinos desse  
amarelo, se não for do Pantanal.  
Conheço um garoto que consegue.

**teyu'á** - Poderia nos falar um  
pouco de Neto Botelho? Tá vivo ou  
já virou alma?

**M. de B.** - Neto Botelho é meu  
amigo de infância e fé. Está vivinho  
e lerdo. É a creatura mais parecida  
com Kirilof (um dos irmãos Kara-  
mazof) que conheci. Nega a exis-  
tência de Deus e O blasfema o di-  
inteiro. Uma noite falou: mas o qu  
não existe não se nega! Portanto, a  
negar Deus eu estou confirmand  
Ele dentro de mim. Ficou espua-  
tado. Eu sou é de Deus. E fice  
sendo. Hoje esse Neto Botelho b  
rardeia 82 anos. E quer virar ser-  
pente. Disse que já não vive. Q  
rola borra abaixo como bosta de c  
bra, se ferindo nas pedras. Con-  
nuou. Eu quis muito ter um fil-  
com uma árvore - como os lagar-  
Não pude e então escrevi um li-  
de nome Andante Putamente. I  
livro da minha indignação. Nele  
tão as tripas do meu espírito. Ali  
tô cheio de lodo por dentro ce  
os velhos navios naufragados. A  
solidão me abandonou. Só o u  
ainda se prega em mim. Estou  
eternidades e sem editor. Tam-  
os editores não são burros para  
tar Andante Putamente, assint-  
toa. As palavras do livro se crú  
que nem filhotes de ema, nos  
pos, emancipadas. Sou agora

de verso. Não seja preso somente em versos de vários pés. Então o poeta escreve  
 sobre a vida planejando o tal verso.

pequena breva. E um outro grande  
 preparação para defunto. Quer ver  
 um poema do meu último livro?  
 (Quero) Chama-se O VELHO. Se  
 você é assim: Você quer correr, a  
 perna te amarra / Você vai puler,  
 quebra o braço / Você vai correr, cai  
 um dente / Você vai olhar, entra  
 uma moeda na frente / Cai o cabelo  
 / Cai o pau / Você é uma ruína ino-  
 cupescamente / Começa a entrar gafa-  
 lico, morengo e arrasta na sua es-  
 tidade / crescem antigas no seu ab-  
 ditnem / A última esperança: ser  
 beijado por moscas circunantes.

**Leza'ê** - Se você um dia trouxer que  
 dizer algo aos jovens poetas de hoje,  
 que dizem?

**M. de B.** - Rapino o que disse uma  
 vez que os jovens se afastem da ne-  
 crocracia dos acadêmicos. Essa  
 gente já morreu e ainda anda por aí  
 enchendo as ruas de pernas. Não  
 desconfiaram ainda que existis no  
 começo do século uma revolução  
 estética. É gente que já morreu e  
 está andando. Me lembra uma his-  
 tória da guerra do Chaco que um  
 paraguaí me contou. Estavam bri-  
 gando de machete. Os inimigos cor-  
 reram. Os paraguaios foram atrás  
 perseguindo. Na corrida iam dece-  
 pando cabeças. Algumas cabeças  
 decepadas ainda corriam 20 metros  
 antes de cair... Ainda enchiam de  
 sapatos 20 metros de charco. Há  
 muitos acadêmicos moerentes que  
 ainda encham as ruas de sapatos.

**Leza'ê** - Você está preparando 2 li-  
 vros para breve. Poderá falar um  
 pouco deles?

**M. de B.** - Pra meu gosto eu estaria  
 preparando mais 2 ou 16 livros. Mas  
 o que consigo fazer num dia ou num



mais - pode ser menos de um verso.  
 E pode ser que 16 versos. Cai na  
 ansira de prometer ao meu Editor  
 um livro de poesia. Fico entusiasmado a  
 pena, cortando palavras, cortando  
 frases e quando acabo tenho nas  
 mãos não mais que meio verso.  
 Guarda, aproveito esse resto e nego  
 os demais. Acho que vou dar um  
 bolo no meu editor. A prosa me  
 fascina. Agora estou compondo  
 três poemas que pretendo seja um  
 novo livro. Falo de uma pensa-  
 traste que se chama Carne-Velha.  
 Outro sobre um vaqueiro melancólico  
 que se chama Bugre Neto. E o  
 terceiro sobre o andaluz Zarzuela  
 que me disse uma vez: Não preciso  
 do fim para chegar. Ele anda e  
 escreve. E escreve em idíolo  
 mancelês\* arcaico. (Idíolo é um  
 dialeto que os idíotas usam para  
 falar às paredes e às moscas.)  
 Zarzuela quer chegar ao bônio das  
 palavras, ao desperdício delas. E diz  
 mais, com a sua mania de limpeza,  
 quer: Para tirar das palavras o rancor  
 das solenidades - usari bosta. O  
 idíolo usado por Zarzuela fica  
 perto do coxo.

**Leza'ê** - Você é um poeta do olho,  
 da imagem, da vidência anti-álgebra.  
 Fez inclusive um curso de "como  
 ver cinema", lá nos serbes de Nova  
 York. O que você aprendeu ou  
 aproveitou do cinema para a  
 poesia?

**M. de B.** - Gosto de tirar matizes  
 novos da mesmice. A linguagem do  
 cinema, por exemplo, me fascina  
 por motivo que ela retira da nature-  
 za a naturalidade. As mesmices da  
 natureza se desmaoçam na lingua-  
 gem do cinema. Vi um filme onde  
 havia uma rua deserta e um bêbedo  
 lá longe capangando. Podia ser Car-

lota. Pois bem, o cinema, aquilo,  
 fez com arte e magia que a sua pres-  
 cense capangar mais do que o bêbe-  
 do. Foi um fascínio para mim ver a  
 rua capangando. Gosto de olhar de  
 retorta: ver por dentro, ver por de-  
 trás, por de condor. Acho, pensando  
 do hoje, que eu não queria fazer ci-  
 nema nenhum em Nova York. Eu  
 só queria estudar-me. O que  
 aprendi do cinema foi desfiar o  
 universo.

**Leza'ê** - Onde você aprendeu a re-  
 conter o verbo na natureza?

**M. de B.** - Penso que não se apre-  
 nde isso em lugar nenhum, em livro  
 nenhum. Se trata de uma verbal. É  
 o dom em si. É Domínio em si.  
 É o Serboc em si. Vem de obs-  
 curas instâncias. Se você se preocupa  
 nas suas merórias líricas há de  
 encontrar por lá algum traço de  
 quem você recebe o dom. Bem  
 porque se encontrar / natureza é um /  
 ato estético. Constante penne nesse  
 encostamento como um exercício  
 de procreação. Seria uma atitude  
 germinal. O mesmo que encontrar o  
 falo na pevide. Aláit, sua pergunta é  
 síbia. Quem se encontra na natureza  
 é mesmo o verbo e não eu. Se a pri-  
 meira importância de um texto for  
 entregue ao verbo a arte apere-  
 melhor.

**Leza'ê** - Alguns críticos dizem  
 não entender a sua poesia. O  
 querem compará-la com Si-  
 peire para ver quem é mel-  
 que você acha dessa crítica  
 "Deixa que eu choro" e q  
 para você o papel da bo-  
 límbria?

**M. de B.** - Tenho um  
 especial pelos críticos. S